

O ENTRE-ACTO

ORGÃO DO

GREMIO SEIS DE JANEIRO

Anno I

São Paulo, 18 de Junho de 1898

N.º 1

A Commissão redactora desta revista pede e acceta a collaboração dos socios do Gremio e mesmo de pessoas extranhas, mas só dará acolhimento aos trabalhos que forem julgados dignos de publicidade.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção, rua de S. Bento, 70.

As folhas que comnosco permu-tarem ficarão na sala de leitura á disposição dos socios e frequentadores de nosso gremio.

O ENTRE-ACTO

S. Paulo, 18 Junho 98.

Este pequeno periodico literario surge sem pretensões no meio jornalístico de nosso Estado. Elle não vem occupar nenhum posto de combate que já não esteja galhardamente preenchido por paladinos illustres, nem apostelar ideacs que já não disponham de órgãos autorisados e competentes no vasto campo de nossa adiantada imprensa.

E' menos arrojada sua modesta missão, e limita-se ao nucleo de frequentadores do *Gremio 6 de Janeiro*, entre cujas mãos circulará nas festivas noites de nossas recitas dramaticas e musicas.

Nos intervallos da praxe, entre uma sonata mimosa que se escutou com prazer e um *vaudeville* scintillante que se aguarda curiosamente — as gentis convivas de nossos saráos artisticos baixarão benevolmente sobre estas paginas fugitivas a luz triumphal de seus olhares formosos. Emquanto não sóbe o panno, ora lerão aqui as estrophes ineditas de um trovador de talento, e os commentarios alegres de um chronista malicioso, mas não maligno, ou decifrarão pachorrentamente algumas charadas compostas com proficiencia veterana.

E dest'arte o *Gremio 6 de Janeiro* logrará tornar-se mais amplamente conhecido na capital paulista como uma digna e esperançosa associação de moços honestos, que, nos escassos lazes de sua labutação professional, dedicam-se esforçadamente ao proveitoso cultivo das bellas artes em seus diversos matizes, emquanto lá fóra expan-

de-se, cresce, alastra damninhamente a invasão corruptora dos boliches.

A' semelhança das celebres rosas da chapa que duraram o espaço de uma manhã, estas paginas ephemerhas hão de brilhar e morrer nos rapidos minutos de uma breve noite de festas. Mas, ao envez de rolaem silenciosamente no pó do olvido, arrebatadas pelo classico vento do Destino, morrerão suavemente emballadas e aquecidas no donairoso regaço de nossas bellas convivas, sob o fulgor de seus olhos e o bafejo aromal de seus labios...

A' L'UNE DES MAINS DE M.^{ME} X.

Petite main, en te formant,
le ciel a fait une merveille,
et je me demande comment
il a pu trouver la pareille!

T. BARRIÈRE.

PARA O ENTRE-ACTO

Meu amigo Redactor.

Você me pede insistentemente que escreva para a revista do *Gremio* algumas linhas de prosa ou uma bô duzia e meia desses versos nephelibatas que recheiam hoje as locubrações dos poetas civilisados.

Você da-me, para essa empresa, que é superior ás minhas disposições de momento, algumas horas de prazo e me affirma que já o Alberto, o Socrates, o Amadeu, o Arthur e o Azamor se desempenharam brillantemente de solicitação identica.

Mas pelo amor de Deus, meu amigo! Você sabe que o Alberto derrama, em cinco minutos, sobre dez tiras de papel, as pedras mais faiscentes de seu talento raro; o Socrates fabrica em dous tempos, com toda a sua modestia e a sua côr morena, quatro sonetos ligeiros, emoldurando perfis de patricias formosas; o Amadeu, aprumado e bello, burila numâ hora rimas impeccaveis, grangeando o nome merecido de Artista — e alguns namoros; o Arthur revela de prompto, em caudaes de tropos escolhidos, a historia da civilisação phenicia; e o Azamor traduz, pela quarta vez, os *Olhos* de Sully Prudhomme...

Você comprehende, meu amigo, que não posso acompanhá-os. Elles têm talento, e uma cousa mais valiosa do que isso — que é a mocidade.

Não, meu amigo, não escrevo. Você recreie os leitores e leitoras amaveis de sua folha com as flores de outras rhetoricas — e deixe-me em paz.

Emfim, como você insiste muito, é possivel que me ponha a verter Sully, imitando o Azamor.

Mas desde já fique você informado que eu rivaliso, no conhecimento do francez com aquelle illustre conterraneo nosso, que traduzia *papier glacé* por papel gelado e *coup de patte* por pesçoço de ganço.

Gil.

A bella phantasia *Rustica*, que noutro lugar inserimos é devido á penna brilhante de um dos mais distinctos ornamentos da alta sociedade paulista. O auctor, a quem uma excessiva modestia retrahê exageradamente, não nos permittiu que seu nome fosse trazido a publico. Sabendo porém, até que ponto a curiosidade de nossas amaveis leitoras ficará aguçada, adiantamos, sem maior indiscreção, que o nome e o sobrenome de nosso elegante chronista começam ambos pela deliciosa inicial da palavra Amor, e que elle, vivendo opulentamente dos rendimentos de uma abastança bem adquirida, emprega os ocios de sua existencia de peralta rico, no cultivo dos bons escriptores antigos, cujas obras trasladou quasi integralmente para o idioma portuguez.

Em tempo manteve uma excellente secção diaria numa conhecida folha desta capital; hoje fuma charutos, palestra, viaja de vez em quando, estuda a fundo seu bocadinho de botanica, e boceja de tedio por falta de obrigações forçadas.

Para ser levada á scena por nosso Gremio elle está trasladando do latim uma *comedia* de Plauto. Traslادando, dizemos mal; adaptando é que deviamos dizer, pois de facto elle não se limita a uma servil traducção, mas a uma remodelação profunda, collocando na sociedade de hoje os personagens que a observação de *Plauto* comprehendia no meio social de seu tempo.

A peça contém 5 actos e 3 quadros, fóra o prologo e o epilogo, que são escriptos inteiramente em versos de metro vario.

NOVA DIRECTORIA

A 15 do corrente findou seu mandato a actual directoria do Gremio, sendo eleitos, para o exercicio que começa a 23, os novos directores cujos nomes damos noutro lugar.

Com excepção do cargo de Presidente, que foi agora preenchido pelo nosso dedicado consocio Hippolyto de Medeiros, os demais continuam a ser occupados pelos mesmos directores, novamente eleitos.

Motivos particulares de summa importância levaram nosso esforçado e distincto consocio Irineu Albernaz, a desistir de sua reeleição para presidente, a qual lhe foi expontanea e insistentemente offerecida pela unanimidade dos membros do nosso Gremio.

Ao retirar-se da presidencia desta sociedade o Sr. Irineu Albernaz, não podemos deixar de trazer-lhe, em nome de todos os aggremiados, as expressões de nossa mais viva sympathia e nosso mais profundo reconhecimento, pelos inolvidaveis serviços que, com a maxima competencia, prestou á consolidação e prosperidade do Gremio 6 de Janeiro, no difficil periodo que acaba de se encerrar.

Do novo presidente, o Gremio espera igualmente uma direcção digna a todos os respeitos; desbravado o terreno pelos esforços do presidente que ora se exonera, seu illustre successor nada mais tem sinão proseguir, com a mesma energia e dedicação, as normas directoras por aquelle traçadas. São estes os votos que fazemos e as esperanças que nutrimos.

Julio Penha, de quem publicamos hoje o trecho de uma bella comedia em verso, ainda inteiramente desconhecida no Brazil, é filho do illustre poeta portuguez João Penha, o

«..... domador valente da rima e do soneto portuguez», no verso terço e correcto de Gonçalves Crespo.

O excerpto que ora inserimos foi extrahido do *Alfacinha*, interessante revista illustrada que se publica em Lisbôa, sob a direcção de Osorio Cunha, o mimoso trovador das *Brumas*.

LUIZ GUIMARÃES

A Alberto Souza

Morreste? Não! Eternamente vivos,
Sob este céu que provocou teus prantos,
Longe das maguas, de idéaes esquivos,
Como um gorgeio passarão teus cantos!

No Soffrimento mergulhaste a lyra,
Num santo e puro Amor a mergulhaste;
Nesse duo de luz que o vate inspira
A' Gloria eterna, triumphal, passaste...

Nessa morada derradeira esparjo
As doloridas queixas de minh'alma;
Com tintas de Saudade o peito tarjo...

E sejam, grande bardo, os ais do verso
Os tristes goivos que na tumba espalma
Um coração também na dor immerso!

BENEDICTO GOMES RIBEIRO

S. Paulo, Maio, 98.

Um candido poeta de nosso meio literario, e digno socio deste gremio, está trabalhando com o maior affinco na composição de uma comedia em melodiosas redondilhas, para ser levada á scena inda no corrente inverno, pelos amadores que compoem nosso corpo scenico.

A comedia será toda ornada de musica, e esta é original de um dos mais distinctos musicos amadores de S. Paulo. E'—nos vedado revelar o seu nome; porém, continuando no commodo processo de conciliar a curiosidade da leitora com a discreção que nosso cargo impõe, diremos que nosso amigo, na ultima e recente eleição, obteve cinco votos cerrados para director da orchestra do Gremio,

RUSTICA

Ao longe, onde a distancia azula mais e mais a cortina das brumas, no harmonioso pendor da serra viridente, alveja castamente a casinha branca.

Alva, de uma serenidade ideal e bucolica, parece muito mais uma hostia solevantada aos beijos da aragem que uma pobre morada de gente simples do campo.

O grande fausto luminoso do mundo não procura seu ambiente de sonhos; mas as andorinhas chilreantes, num remigio festivo, aos pares, atravessam celereamente as clareiras do azul, e, azas banhadas nos ultimos raios crepusculares, procuram a silente calentura daquelles beirões, eternamente arraiados das alvo-radas do amor.

Quando as primeiras somnolentas sombras baixam das cumiadas longinquas, a luz dos crepusculos vesperaes alumia baçamente, ao se esbater na casinha alvejante, a mesma scena risinha que a matutina luz illuminara: um ninho quente e sereno, de uma doçura pastoral e elegiaca, onde os corações revibram sob os divinos effluvios do affecto.

Nesse horisonte desanuviado e bemdito ha, por certo, uma alma que sobrenada ineffavelmente—é a alma simples da natureza, que ri pela corolla dos lirios e gorgeia pela garganta das aves, irrequieta e harmoniosa, como si quizera traçar áquelle remanso aromal o limite entre a vida que ruge lá fóra, no torvelinho babelico do mundo, e a vida que reflue placidamente do coração aos olhos, que é a vida desse paraíso terreno, vida natural e robusta, profundamente meiga e humana, derivando sempre com uma serenidade de fonte, florindo sempre como uma sementeira nos solsticios da primavera.

Aos passarinhos tanto se lhes dá amar e cantar nesse recanto de paz como no verde seio virgem e murmuroso dos bosques. Vive-se tão bem assim ao lado das flores, que são o coração da natureza, como ao lado do amor, que é a flôr orvalhada do coração.

E a casinha alvêjante lá se ergue como um idolo de neve no promontorio virente, constellada de flores, de branca e de graça, á maneira de um templosito branco e solitario votivamente guirlandado de rosas e murtas, de margaridas e giestas...

Quando o pegureiro passa, collina em fóra, em demanda d'alem, ao repousar os olhos sobre o scenario daquelle diminuto paraíso festivo, a canção que seus labios trauteiam tem uma cadencia mais quebrada e saudosa, nem sei bem si porque aquella projecção dos altos ceos estrellados lhe recorda a doçura do ninho materno, ou si porque a casinha de neve lhe adormenta e emballa os sentidos com vaporosas visões dissolventes, fallando-lhe uma linguagem tão doce, tão pura, tão eloquente, que a minima voz é uma vibração musical de beijos, que a minima palavra encerra a tremolina seraphica da esperança.

Devia ser como esse ninho branco do campo o poiso simples de Jesus e de Maria, poiso que as aves encheram de um vapor de arias melodias, e onde os magos arrastaram, constrictos, a faustosa realeza do seu manto de purpura...

Ah! pobre albergue de pobre gente do campo! Embalde o progresso e a civilisação procuram o alto cume remontado da gloria, embalde, embalde, porque tu, na tua soledade e na tua poesia, na tua simplesa e na tua paz, és muito mais que o progresso e que a civilisação, és muito mais que a transitoria pompa mundana, cheia de mentiras, luctas e dores, porque és a imagem pacifica e festiva da natureza, que sabe amar e sabe ser simples desde o ninho onde canta pela bocca do passal até a sepultura rasa, mas florida, onde chora pelos olhos da eterna, da lacrimosa saudade...

ARNALDO.

MADONA

Genovesa gentil, de olhos serenos,
meiga filha da Italia voluptuosa,
esse teu corpo perfumado á rosa
lembra a belleza artistica de Venus.

Teus pés afidalgados e pequenos
dão-te um encanto sigular, formosa,
e a tua boca timida, medrosa,
soluça beijos, balbucia threnos.

De Cleopatra tens a formusura,
entre as mais puras, genovesa, és pura.
Quanta promessa o teu olhar encerra!

Nelle vejo em reconditos arcanos,
tranquillo como os lagos venezianos,
todo o calor do sol da tua terra!

ANGELO DE SOUZA.

CARTA-PROTESTO.—A vibrante carta-protesto, que inserimos neste numero, a proposito da candidatura de José Vicente Sobrinho

á vaga do grande e saudoso Luiz Guimarães Junior na academia Nacional de Letras. é devida a penna, tão eloquente quanto maligna, de um dos mais festejados criticistas fluminenses.

Seu autor nos promete para o proximo numero um artigo, propondo a eliminação, por escrutinio realisado entre nossos literatos, de alguns escriptores sem merito que empolgaram indevidamente cadeiras da Academia, aproveitando-se do atropello natural nas instituições que começam.

Nesse artigo DOÁ reclama a eliminação de um chronista, que, na opinião de *Mamburino*, faz as melhores delicias dos mestresapateiros de nossa capital, com suas chronicas semanaes num jornal paulista que se publica á tarde.

CECY

A peça lyrico-dramatica que hoje se representa em nosso pequeno palco, é extrahida da opera-comica de V. Valenti, *Os Granadeiros*, na parte litteraria, por Socrates Brasileiro, e na parte musical, por Manoel do Lago, ambos nossos consocios.

Os scenarios foram tambem pintados e montados expressamente por socios deste gremio, cujos talentos na especialidade têm sido imparcialmente gabados.

O desempenho da peça está confiado ao nosso corpo scenico de amadores, do qual fazem parte com grande distincção as graciosas senhoritas D. Gabriella Dias, Manuela Amurrio e Margarida Quaes, sendo a orchestra composta tambem de membros do gremio.

Os autores da *Cecy* condensaram a opera original, adaptando intelligentemente libreto e partitura ás condições especiaes em que vai ser representada a peça: em lugar acanhado e por simples amadores.

Os vestuarios, adereços e mais accesorios são propriedade do Gremio 6 de Janeiro.

CARTA—PROTESTO

Do distincto literato

Snr. José Vicente Sobrinho

Immerecidamente honrado com a distincção de um convite para collaborar nesta *Revista*, que tão modestamente apparece, animo-me a escrever algumas linhas no meu estylo despretencioso e habitual, aproveitando para esse fim o caso da candidatura do jovem e sympathico literato, apresentada por si mesmo, na vaga aberta na Academia Brasileira de Letras pelo fallecimento de Luiz Guimarães.

Tenho competencia para fazel-o, sabe-o de certo o talentoso auctor dos *Contos e Phantasias*,—livro este que ainda ha pouco appareceu e ao qual fiz elogios, de que me não arrependo, porque os fiz de livre vontade, agradavelmente impressionado pelo que de melhor naquellas paginas encontrei. Tenho competencia, digo-o exactamente por isso; porque neste caso a minha posição é correcta; correcto o meu protesto inoffensivo; a minha surpresa; a imparcialidade das palavras.

Sorprehenheu-me, confesso-o, e sorprehenheu-me bastante, Snr. José Vicente Sobrinho, a apresentação do seu nome em uma eleição para a qual já estavam apresentados os de Fontoura Xavier e João Ribeiro, que o senhor José Vicente bem sabe—conquistaram de ha muito o direito a essa vaga. É quasi uma chapa repetir o que elles valem, de certo. Sabe-o o mundo litterario, e os que por vocação, ou passatempo, ou officio, cultivam as Musas e as Letras. Não me refiro, está visto, á antiguidade somente. O Snr. José Vicente Sobrinho que, ás qualidades de cuidadoso e apreciado escriptor, allia a de proficiente funcionario publico do Estado, não ignora que, no funcionalismo, a antiguidade sem o merito nem sempre garante a promoção do funcionario. Assim nas outras classes sociaes. Assim nesta pobre e ingrata classe de *fazer versos ou prosa*.

O Snr. José Vicente Sobrinho não reflectiu no que fez, ou foi a isso impellido por alguns conselhos bajuladores e falsos, e, talvez, de momento. O festejado prosador, sendo recebido com applausos, como o foi,—e muito mercidamente,—ao publicar o seu primeiro volume de contos, não comprehendeu bem, ou não quiz comprehender, a razão verdadeira do facto. Pois foi esta. para estréa o seu livro era (e é) uma bonita e esperançosa promessa. Dahi a dizer-se que fêz uma obra de folego ou um successo, é impossivel. . .

O Snr. José Vicente esqueceu-se desastradamente de que entre aquelles que, — em S. Paulo — têm os direitos adquiridos e o merito indispensavel para se apresentarem candidatos a uma vaga na Academia de Letras, figuram brilhantemente, por exemplo, para mais longe não ir: Affonso Arinos, o primoroso prosador do *Pelo Sertão*; Vicente de Carvalho, o delicado, talentoso e inspiradissimo poeta que produziu o *Relicario*; o apreciado artista tão modesto e tão lyrico, e tão justamente applaudido: o nosso cantor das *Ephemeras*, o nosso Silvio de Almeida. Ainda ha outros, ha uns mais; todos

esses, porém, consagraram-se,—não de hoje. Seus trabalhos ahi estão. Faça-se um jury; apresentem-se juizes desapaixonados, sensatos, competentes, mesmo em S. Paulo; e o Snr. José Vicente que se apresente tambem, não para julgar, mas para entre os tres nomes citados disputar a classificação de primeiro, de segundo ou terceiro. . . Não será classificado, estou certo. Nestes concursos é impossivel a intervenção de um empenho politico. Os seus modos sympathicos, o seu cavalheirismo, a sua bondade, creia o Snr. José Vicente Sobrinho, não poderão de forma alguma ter peso no julgamento em questão.

E' esperar a sua vez que hade vir. . .

Sei que me fallece habilidade para que possa, directa ou indirectamente, contribuir na retirada da sua pretensão. Não importa. Acredite, porém, o estimado e distincto moço, que acaba de praticar uma lamentavel imprudencia. Imprudencia esta que eu,—e talvez outros,—só lhe perdoaremos quando nos apresentar melhores ou eguaes primores litterarios aos dos *Contos e Phantasias*.

E, si porventura a esta carta couber a felicidade de apparecer aos seus olhos; e, si, porventura, assistir-lhe a honra de sua preciosa attenção; e mais: si fôr assumpto que mereça resposta, não me venha para ahi dizer que este protesto representa outra cousa que não seja um serviço a S. S. prestado; a manifestação sincera de quem muito ainda o aprecia e não deseja vel-o *estragado* pela bajulação de meia dusia de amigos e admiradores perigosos dos quaes deve fugir.

Si fizer o contrario, fará mal. Deve lembrar-se de que, occupando-me do seu livro, elogiei-o porque assim o entendi; e, o sr. José Vicente Sobrinho, considerando-me competentemente habilitado para elogiar aquelle seu trabalho, como o fez—transcrevendo-o, não pode de forma alguma negar-me, neste momento, competencia, imparcialidade e boa vontade eguaes, para protestar, como protesto, contra o estabelecimento de um precedente dos peiores, contra o seu imprudentissimo arrojio em solicitar um lugar que lhe não pode pertencer e que. . . e que não será seu, com certesa!

No mais, acredite-me, como sempre, admirador affeiçãoado e sincero,

DOÁ

Rio, Junho de 98.

E' provavel que dentro em breve se realice em nosso *Gremio* uma festa extraordinaria, em beneficio da familia do talentoso e infeliz poeta Cruz e Souza.

Os amadores de nossa sociedade serão nesse festival proficientemente reforçados pelo illustre corpo scenico do *Gremio Dramatico Arthur Azevedo* de Santos, o qual pretende assim manifestar os laços de sympathica solidariedade pela arte, com que nos distingue, vindo especialmente da vizinha cidade e associar-se a nosso caridoso festival.

Entre as respectivas directorias de ambas as sociedades está-se trocando neste momento activa, amistosa e interessante correspondencia epistolar

TARANTELLA

(Recordação de Lucia.)

A' margem do rio Parahyba, debruçava se arquejante o ingazeiro em flor. Miriades de colibris dourados esvoaçavam por entre as folhas, sugando aqui e allí o mel ao calice das flores, indo depois roçar as azas á tona limpida da corrente.

Enxames de borboletas salpicavam o copado magestoso do ingazeiro, como si peneirassem estrellas naquelle céu verde-escuro.

As abelhas zumbiam, passando por sobre nossas cabeças como settas resvaladas por arcos indianos.

Como era bello aquelle quadro!

De quando em vez o sabiá taciturno atirava-nos notas sentidas, que eram interrompidas pelo estalar de bicos de inimitaveis tangerás que dançavam na capoeira, ao som harpico das cançonetas de amor, que, em homenagem áquellas avesinhas, dedilhava o formoso pintasilgo.

Lucia olhava-me extatica, extaticos meus olhos encontravam os della. Nossos labios collados não podiam mover-se. Apenas nossas mãos se entrelaçavam insensivelmente... tremulas...

O sol foi o ultimo dos convivas naquelle festival encantado. Seus raios, por entre as frestas dos arvoredos, vinham pouco a pouco doirando os troncos dos arvores e as pedras pardacentas dos rochedos.

Com esse calor vivificante do conviva ardente, Lucia principiava a me apertar a mão e a molhar os olhos de ternura! Cessou então a musica divina, para dar logar aos beijos de fogo!

Que idyllio! Que jogo de palavras harmoniosas escaparam de nossos labios! Já os tangerás eram apenas espectadores. Borboletas, sabiás, abelhas, folhas, ingás, tudo em côro virginal nos acompanhava na orchestra dos beijos de fogo! Euphrates e Jehon se por allí passassem, repetiriam aquella saudosa cantilena em honra á astucia da serpente!...

Como era bello aquelle quadro!

Lucia agitava-se envolvendo seus pésinhos na folhagem, deixando escapar um suspiro... enquanto que eu contemplava languido a setinea branca do seu collo.

Como o som produzido pela bigorna do ferreiro audaz, a araponga se annunciava nos galhos da perobeira.

Era meio dia. O sol a pino queimava-nos o rosto, e o amor ardente e voluptuoso escaldava-nos, moia-nos...

E' assim, desde muito tempo, que ao meio dia, queima-se-me o cerebro á recordação de Lucia.

S. Paulo, 94.

FR. GÊ

Excerpto de uma Comedia

(Sala de baile, desordenada. Carlos e Mariquita, ao fundo n'uma janella).

C. Adeus, Mariquita. A lua já vai empalidecendo...

M. Parece a carinha nua duma reclusa morrendo...

C. (á parte) Bonita figura! Bravo! Vou pô-la numa poesia...

(á M.) Abençôa o teu escravo, adeus ó santa Maria...

M. Olha a lua! Como é bella, naquelle montão de bruma... Parece um barquinho á vela que vai levantando espuma...

C. E' verdade, é muito linda... Mas nota que vae ficando sumida... E' a noite que finda, é o dia que vem chegando.

M. Vae sumindo, mas aos poucos...

C. Olha os passaros no ar!

M. Os passaros estão loucos...

C. E' o dia que vai chegar.

Não vês uma revoada ali, naquelle arvoredo?

M. Tu sabes que a passarada se levanta muito cedo...

C. Adeus, adeus. Olha a aurora que no horisonte se espalma. Adeus... E eu vou-me embora com a noite dentro da alma.

M. (sorrindo) Então adeus... Boa noite!...

C. (afastando-se) Se é que a noite escura e fria que em alguma alma se acoitte pôde ser boa algum dia...

Julio Penha.

A nova directoria do Gremio 6 de Janeiro, eleita a 15 do corrente, e que deve tomar posse a 23, é a seguinte:

Antonio Hippolyto de Medeiros, *Presidente*.
João Eduardo de Freitas, *Vice Presidente*.
Raul Rodrigues Coelho, *1.º Secretario*.
Brasílio Ramos de Toledo e Silva, *2.º Secretario*.

Olegario de Arruda Amaral, *1.º Thezoureiro*.
Diogenes de Padua Ramos Nogueira, *2.º Thezoureiro*.

Manoel do Lago, *Director de Orchestra*.
Socrates Brasileiro, *Director do Corpo Scenico*.

Dr. Antonio de Toledo Piza, Joaquim Ignacio de Oliveira Leite, Astolpho Barros, Irineu Albernaz e Manoel Pires do Prado, *Conselho fiscal*.

E' esta a 5.ª directoria eleita para presidir ao destinos de nosso Gremio. Seu mandato deve terminar no ultimo dia deste anno.

CHARADAS

Dentro de firme e solida morada
Zombo dos elementos, não me abalo;
Porém della me arranca a mão do homem
E vou então servir-lhe de regalo— 2

Assim eu faço quando solitario
Os mysterios contemplo da natura,
Ou revendo na mente velhas glorias
Ou procurando prever sorte futura— 2

Embora por amar a liberdade
Vote-me a *elle* o odio dos tyrannos,
Um dia virá em que dos povos
Triumphem os direitos soberanos.

Não anda, é redonda e não tem fim—2—2
Na musica, na musica e no sapato—I—I
Segura, alumia e agrada—I—2
A criminosa dissidente cura ou mata—I—2
Está no espaço, no paletot e no caixão de defunto—I—2
E' claro, tem peso e illustra a materia—2—2

Dobra ao vento brandamente—2
Das montanhas vão ao mar—2
Cantando divertem a gente
E sempre vivem de cantar.

Conferencias litterarias

Aventa-se no Gremio a bella idéa de instituir-se nelle uma serie de conferencias litterarias, para as quaes serão convidados alguns escriptores paulistas.

Consta-nos que o iniciador dessas conferencias será nosso distinctissimo consocio dr. Antonio de Toledo Piza, illustre e erudito homem de letras.

O Gremio 6 de Janeiro, prepara para 22 do corrente, dia em que toma posse a nova directoria, uma estrondosa manifestação de apreço ao Sr. Antonio Hippolyto de Medeiros, presidente eleito.

Este offerecerá um profuso *copo d'agua* a seus innumerados admiradores.

A' imprensa paulista aqui patenteamos nossos agradecimentos pelo modo verdadeiramente animador com que ~~tem~~ recebido todos os esforços do Gremio em favor da Arte.

Assembléa Geral ordinaria

Realisa-se uma a 22 do corrente para a posse da nova directoria e leitura do relatório.